

**Um livro, um autor e uma nova história:  
Sobre a recepção e a consagração de *Casa-grande & senzala* (1933-1934)<sup>1</sup>**

FÁBIO FRANZINI\*

Em sua edição de novembro de 1933, a prestigiosa revista *Boletim de Ariel* trazia um longo artigo de José Lins do Rego, intitulado “O próximo livro de Gilberto Freyre”. Com perspicácia e erudição, o escritor paraibano ali avaliava o estado do conhecimento histórico no Brasil, chegando à conclusão que nossa história até então vivera “de explorações e maus-tratos”. Segundo ele, Rocha Pombo, autor de inúmeras obras e compêndios de caráter patriótico-moralista, dentre as quais uma *História do Brasil* em dez volumes, “tratou-a como um marido estéril”; Varnhagen, como um “esposo infiel, cometendo adultérios”; mesmo seus “grandes namorados, que lhe seriam ótimos matrimônios”, como Capistrano de Abreu e o pernambucano Alfredo de Carvalho (“um Capistrano de Abreu com mais viagens, com o mesmo escrúpulo e mais dispersivo”), não a desposaram de fato, antes a teriam abandonado no altar das pesquisas e dos documentos.

O também pernambucano Gilberto Freyre, contudo, aparecia como um pretendente diferente, à altura de sua nobreza e dignidade. Em suas mãos, a história do Brasil não era “uma vaidade de saber mais datas do que os outros, como se dá com o Barão do Rio Branco”, nem “puro deleite de esquisito” como teria sido para Capistrano, caracterizado de modo cruel como “o homem que poderia ter sido o nosso grande historiador se não tivesse querido ser somente o nosso maior esquisitão”. Para José Lins, “a história que Gilberto Freyre sabe e escreve tem mais uma expressão de vida que de pura memória. É uma história com sangue, mais humana do que sábia”. E completava dizendo que, “para ser verdadeira, a história precisa mais de um lírico que das ‘provas exuberantes dos autos’. As provas desta natureza valem muito, mas o grande, o forte, o intenso da História está mais no historiador que nos fatos” (REGO *in* FONSECA, 1933:39-42).

---

<sup>1</sup> Este texto retoma uma discussão pontual apresentada em FRANZINI, 2010.

\* Doutor em História Social (USP), Professor do Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-Unifesp), *campus* Guarulhos.

Atrevido, exagerado, envolvente, o texto de José Lins do Rego projetava sobre a história o olhar do romancista, desejoso de encontrar na reconstituição do passado a pulsão vital dos bons enredos. O fundamento desse desejo, aquilo que evitava transformá-lo em delírio e à própria história em pura ficção, ele buscava justamente no Capistrano jovem, ao lembrar sua conhecida crítica póstuma ao Visconde de Porto Seguro, acusado pela “falta de espírito plástico e simpático” aos homens e acontecimentos distantes no tempo. E, se o então aspirante a historiador ficara a meio caminho de revelar-se o esperado “espírito superior que viesse insuflar a vida e o movimento na massa informe”, agora o resultado seria outro, pois “a obra que Capistrano não quis concluir é esta que Gilberto Freyre vai começar”.

Palavras tão enfáticas, proferidas por um nome festejado e em ascensão no nosso mundo das letras, obviamente pretendiam criar uma grande expectativa em torno do autor que anunciavam. Ainda assim, algumas dúvidas cruciais poderiam despontar junto a seus eventuais leitores, surgidas das brechas das certezas afirmadas. A primeira delas por certo se referiria ao objeto mesmo do título do artigo, já que em nenhuma de suas linhas o “próximo livro de Gilberto Freyre” era abordado. Somente no curto parágrafo final havia uma vaga e indiscreta referência a seu respeito, revelando que o autor, por necessidades financeiras e pela força de um contrato assumido com o editor Augusto Frederico Schmidt, vira-se obrigado a “se decidir, pela força das circunstâncias, a fazer qualquer coisa de grande”. Fora isso, nada mais, nem sequer o nome da obra – algo sem dúvida curioso, mas longe de ser a maior das inquietações sugeridas pelo texto. Afinal, embora estivesse claro tratar-se da apresentação de um estudioso sério, detentor de grandes qualidades intelectuais, era bem provável que um bom número de pessoas se perguntasse ao terminar a leitura: mas *quem* era esse tal “Gilberto Freyre”?

Como a demonstrar a pertinência da pergunta, páginas adiante o destacado personagem voltava a aparecer na revista, desta vez em uma nota bibliográfica mais ponderada. Trazendo logo em seu título, “Casa grande & senzala”, o nome do livro que o artigo de José Lins sonegara, a nota descrevia Freyre como alguém tido “pelas novas gerações nordestinas como um verdadeiro *chef de file* a quem se deve admirar e seguir”. Em contrapartida, notava também que, no sul, ele não passava de um “quase desconhecido, [...] tão grande é o nosso país e tão pouco repercutem nas outras unidades da Federação o que se passa em um ou outro

Estado, a menos que não se irradie do centro para a periferia a fama a consagrar” (*BOLETIM DE ARIEL*, 1933:53). Os mais apressados poderiam concluir estar diante de mais um provinciano em busca de inserção e sucesso na Capital – o que, de certa forma, era bem plausível. Os mais atentos, estes certamente desconfiariam de algo mais, inclusive porque o *Boletim de Ariel* não era a única publicação do Rio de Janeiro a abrir espaço àquele “quase desconhecido” por aqueles dias. Fosse quem fosse Gilberto Freyre, havia alguma coisa no ar a envolvê-lo.

Pouco antes, em 5 de novembro, o texto de José Lins do Rego saía no jornal *Literatura*, acompanhado de um outro de Pedro Dantas (Prudente de Moraes Neto), também intitulado “Casa grande & senzala” e que, na mesma data, aparecia ainda no *Diário de Notícias*. Para este crítico, “o Sr. Gilberto Freyre” distinguia-se de seus companheiros de geração pela “apreciável vantagem de uma cultura dirigida e, portanto, livre das hesitações, da desorientação e do retardamento dos autodidatas”. Já sua “obra monumental” revelava “a perfeita intuição do fenômeno brasileiro”, destinando-se “a representar para nós, e por muito tempo, a melhor das introduções ao conhecimento do que somos e do que condiciona o que podemos ser” (DANTAS in FONSECA, 1985:43). Um vaticínio corajoso, que reafirmava a primeira notícia acerca do autor e do livro em questão, surgida ainda mais cedo, a 20 de outubro, no *Diário Carioca*. Assinada por Rodrigo Melo Franco de Andrade, a resenha ressaltava como marcas daquele trabalho sobre a “formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal” a “acuidade de inteligência” e o “conhecimento dos fenômenos examinados”, que lhe emprestariam “o alcance de obra de utilidade pública”. Mais importante, porém, era a mistura rara e peculiar de “brasilidade”, ciência e arte saída da relação entre criador e criatura, forma e conteúdo:

*Apesar da formação de seu espírito se ter processado longe do Brasil, sob a influência de mestres, idéias e livros estrangeiros, o sr. Gilberto Freyre é talvez o mais intensamente brasileiro dos nossos escritores. Nele, não é apenas o estilo que impressiona pela feição marcadamente nacional da linguagem, e sim também a natureza e a direção do pensamento, inconfundivelmente brasileiro. A cultura geral e a especializada adquiridas no estrangeiro enriqueceram-lhe enormemente a inteligência, sem deformá-la de modo algum. Assim, estudando a história social do Brasil, ele não se coloca na posição distante de um sociólogo alheio e superior aos*

*fenômenos observados. Seu livro não é somente a obra de um especialista notável em sociologia, mas um livro em que a ciência e a intuição do sociólogo são guiadas pela sua profunda afinidade com o meio que constitui o objeto do estudo. [...]*

*Em virtude de sua compreensão profunda e por vezes lírica do processo de formação da sociedade brasileira, ele se desviou dos erros e das idéias preconcebidas em que têm resvalado tantos dos nossos especialistas e amadores de sociologia.*

*Escreveu um grande livro, cheio de conhecimentos sérios e de idéias nítidas, mas que se distingue também dos ensaios anteriores pelo seu valor excepcional como documento literário (ANDRADE in FONSECA, 1985:35; 37-8).*

Como o tão saudado livro ainda *não* havia sido publicado, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes Neto e José Lins do Rego compartilhavam assim com o público a euforia provocada pela leitura em primeira mão dos originais, privilégio assegurado pelos velhos laços de amizade que os uniam ao autor (os quais, aliás, eram explicitados apenas no texto de José Lins). Caso não se perdessem na superfície de adjetivos e de elogios que revestia cada artigo, os hipotéticos leitores contemporâneos poderiam então divisar em Gilberto Freyre e em *Casa-grande & senzala* os portadores de uma nova interpretação do Brasil, substancialmente diferente daquelas conhecidas ou em voga. Em um momento em que, como se sabe, o “pensar o Brasil” era o compromisso dos nossos intelectuais – e a linguagem empregada pelos citados críticos ilustra muito bem tal preocupação –, isto não era pouca coisa. Tanto que, arrebatado pela obra, até mesmo o equilibrado Prudente afirmava não ser excessivo “dizer-se que há uma política a extrair dos resultados a que chegou o pesquisador pernambucano” (DANTAS in FONSECA, 1985:43).

Não por acaso, quando *Casa-grande & senzala* enfim apareceu, na virada de 1933 para 1934, seu impacto foi grande e imediato. Logo a 10 de janeiro, o poeta Manuel Bandeira, no Rio de Janeiro, escreveu a Freyre, no Recife, para comunicar-lhe que ele estava “na ordem do dia com a publicação da grande *Casa Grande*. Ficou um bichão de tão bom aspecto que já está ficando conhecido como o *Ulysses* pernambucano...”. Os propagados méritos do livro agora podiam ser conferidos por interessados e curiosos, os quais, podia-se imaginar, eram muitos, pois, ainda segundo Bandeira, “as informações dos livreiros é que o livro está tendo muita saída”. Dias depois, também por carta, o fiel Rodrigo Melo Franco confirmaria esse

movimento, dizendo que a venda continuava a fazer-se “otimamente, apesar de só terem aparecido por enquanto poucas notas e artigos sobre o livro”; quando surgissem as “críticas autorizadas ou ruidosas”, continuava ele, era certo que a edição, “somente de 3.000 exemplares”, não tardaria a se esgotar.<sup>2</sup>

O “somente” devia-se ao otimismo do missivista, é claro. De todo modo, ele tinha razões para apostar na crítica e se mostrar tão certo do sucesso do livro. Embora a recepção ainda fosse incipiente, eram figuras de peso as que se manifestavam a seu respeito, como dizia: o antropólogo Roquette-Pinto ficara “de fato entusiasmado” e “não poderia ter feito maiores elogios” no artigo que escrevera para o *Boletim de Ariel* a sair em fevereiro, e o crítico literário Yan de Almeida Prado fabricara “aquela vasta apologia na *Literatura*”.

Tivesse esperado mais um dia para escrever sua carta, Rodrigo poderia juntar aos dois o nome imponente de Agripino Grieco; tivesse esperado mais quatro, acrescentaria também o de João Ribeiro à lista, todos em pleno acordo quanto à alta qualidade da obra. Para Almeida Prado, tratava-se de um “livro admirável de erudição e espírito crítico, equilíbrio e discernimento, onde não sabemos o que mais admirar, se a sagacidade do autor movendo-se em assuntos inteiramente novos entre nós ou a sua capacidade de reunir a prodigiosa documentação que apresenta”. Grieco afirmava estar diante de uma “obra notabilíssima”, uma “espécie de história do Brasil contada inteligentemente, à moderna, com grande amenidade”, enquanto Ribeiro dizia que aquele texto estaria “sempre diante dos olhos para ler e reler de tempos a tempos”. Finalmente, Roquette-Pinto era categórico ao afirmar que “*Casa-grande & senzala* nasceu obra clássica. Ninguém dará mais um passo em matéria sociológica referente a este país sem consultar o volume, a menos que deseje andar errando, como quem se exercita em buscar, no escuro, os objetos que um facho de luz facilmente denuncia” (cf. FONSECA, 1985:passim).

---

<sup>2</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, 27/01/1934. Acervo da Fundação Gilberto Freyre (AFGF), CRB98p1doc8. A carta de Bandeira a Freyre é citada, mas não reproduzida na íntegra, na Introdução de FONSECA (1985:13). Para ressaltar o sucesso de vendas de *Casa-grande & senzala*, importa notar que, embora sua primeira edição traga 1933 como o ano de publicação e a maior parte de seus comentaristas, senão todos, aponte(m) o mês de dezembro como o momento de seu lançamento, outra carta de Rodrigo a Gilberto, esta datada do dia 3 de janeiro de 1934, indica que o livro atrasou mais do que parece: nas palavras do remetente, “os safardanas Maia & Schmidt informam que C. & S. sairá amanhã. Mas sairá mesmo?” Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, 03/01/1934. AFGF, CRB98p1doc4.

As impressões iniciais, a um só tempo respeitáveis e favoráveis, revelavam assim a confirmação, senão a superação, das expectativas projetadas sobre o trabalho de Gilberto Freyre – algo inclusive notado por João Ribeiro em sua recensão. E o faziam sem condescendência, sem deixar de apontar os problemas percebidos no livro, mesmo que motivados pela estranheza ou pelo desconforto diante das inovações nele apresentadas. Foi o caso, por exemplo, da desaprovação de Agripino Grieco ao uso de “termos crus, dos que arranham ouvidos castos”, que, por cheirarem “muito a *boutade* escandalizante do ledor de Mencken e de contemporâneo do Sr. Serafim Ponte Grande”, não seriam cabíveis num “volume de ciência histórica, quase um tratado sobre homens e coisas do Brasil”. Logo, para Grieco, ao refinamento da análise deveria corresponder a polidez da linguagem, verniz da “seriedade” do texto (GRIECO *in* FONSECA, 1985:67).<sup>3</sup>

Havia também observações muito mais argutas, como a de Roquette-Pinto acerca do título da obra, indicador do desejo do autor de “contrapor, no surto histórico do Brasil, os dois tipos de cultura que no caso do branco e do negro se interpenetraram”; no entanto, continuava o antropólogo, “toda a massa enorme de coisas que a escravidão derramou na gente não veio de fato da senzala. Veio mesmo da própria Casa Grande, para onde os mais bem dotados filhos da senzala eram imediatamente conduzidos, a começar pela mãe preta”. João Ribeiro, de sua parte, reclamava que o livro, “conquanto grande (mais de quinhentas páginas), não conclui: as paredes esboçam uma cúpula que não existe. Convergem para a abóbada, que fica incompleta e imaginária”. Agripino Grieco, de modo semelhante, lamentava seu final “um tanto brusco”, bem como a falta de “um núcleo, um centro, e há muita coisa lateral no livro. Talvez lhe falte uma ‘convicção’” (cf. FONSECA, 1985:*passim*).

Os próprios críticos, entretanto, eram os primeiros a reconhecer que seus reparos e restrições em nada afetavam a excelência do ensaio de Gilberto Freyre. Na verdade, antes a enfatizavam, pois, como o próprio Grieco afirmara, estava aí “um escritor que nos leva a

---

<sup>3</sup> É importante notar que Grieco não foi o único a se incomodar com o linguajar freyreano, visto que reparos semelhantes aparecem em vários outros artigos sobre o livro: o amigo Afonso Arinos, por exemplo, observa que “a linguagem de Gilberto Freyre devia ter um pouco mais de dignidade. [...] Apenas estou querendo salientar que o estilo, aliás gostoso e agradável, que Gilberto Freyre emprega no seu livro era mais próprio para outro gênero de literatura que ele pratica tão bem quanto a sociológica: o de ficção. Será que Gilberto, homem civilizado, vai a um jantar de cerimônia com o mesmo traje sumário com que saiu para o tênis matinal?” (MELO FRANCO *in* FONSECA, 1985:84).

concordar, a discordar, mas não nos deixa nunca indiferentes, sacudindo-nos sempre as ferrugens do cérebro” (GRIECO *in* FONSECA, 1985:74). Portanto, muito mais que por um ou outro aspecto particular – pertinente ou não –, a grande questão relativa a *Casa-grande & senzala* parecia ser aquela levantada por Yan de Almeida Prado, para quem o livro de Gilberto Freyre parecia representar “o último embate entre modernos e antigos, entre a velha e a nova geração” (ALMEIDA PRADO *in* FONSECA, 1985:55).

Embate mesmo não houve, ao menos no plano da crítica. O aparecimento de *Casa-grande & senzala* foi tão estrondoso que sua celebração superou de muito as condenações que sofreu, evidenciando justamente o caráter de “divisor de águas” do pensamento social brasileiro implícito no texto de Almeida Prado.<sup>4</sup> O prêmio de melhor livro do ano, conferido pela prestigiosa Sociedade Felipe de Oliveira, deixou claro este aspecto, como se pode perceber pelo artigo de Saul Borges Carneiro publicado no *Boletim de Ariel* de março de 1935. Dirigindo-se àqueles que haviam estranhado a atribuição de um prêmio literário a um ensaio sócio-histórico-artístico, o articulista dizia bastar “ampliar o conceito de literatura, e considerá-la simples sinônimo de expressão de vida intelectual, como fazem em geral historiadores e críticos, para perceber a razão da estranheza”. Caso isso não contentasse os contrariados, ele

---

<sup>4</sup> Tal celebração pode ser percebida até mesmo em termos quantitativos, a partir da compilação realizada por Edson Nery da Fonseca: entre 1934 e 1938, das 28 críticas apresentadas (publicadas em periódicos do Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, Belo Horizonte, João Pessoa, Maceió e Aracaju), apenas três são abertamente negativas – as de Miguel Reale, Armando Más Leite e J. Fernando Carneiro. Para Reale, “ao terminar a leitura de *Casa-grande & senzala*, tive a impressão que teria quem visitasse uma casa, apreciando homens e mulheres em atividade, indo de um lado para outro atarefados, desenvolvendo mil afazeres e com mil preocupações, mas em silêncio, todos calados, todos guardando os segredos íntimos da inteligência e do coração. Vi paredes e vi perfis. Observei usos e costumes, mas de fora, como se medisse ou pesasse coisas. Vi silhuetas, não encontrei almas. Vi a ‘história natural’ da sociedade colonial brasileira, mas não vi a história integral dessa sociedade. E fiquei pensando no direito que se arroja o sociólogo naturalista de reconstituir uma sociedade arrancando-lhe o espírito, sob o pretexto de preferir a ‘substância’ à ‘forma’”. Já Leite refutava os comentários de Gilberto Freyre sobre a atividade jesuíta no período colonial, com vistas a mostrar o “sectarismo”, o “anti-espiritualismo” e a “falsidade dos pontos de vista” do autor, caracterizando seu livro como “uma premissa, uma premissa sorratamente posta, para o comunismo”. Carneiro, por fim, fazia uma relação daquilo que via como equívocos antropológicos e biológicos presentes em *Casa-grande & senzala* (que a certa altura da resenha chama de “grande livro errado”) para concluir: “Claro está que o Sr. Gilberto Freyre não tem obrigação de entender de tudo no mundo. E é possível fazer-se sociologia sem ser um bamba em química, astronomia, medicina e genética, até suas últimas minúcias. Mas o que há é que o Sr. Gilberto fala como se fora um bamba. E o mais curioso é que o seu livro, de tão grandes qualidades [...] parece que teve êxito foi por causa dos defeitos. O de que muito leitor gostou foi da bioquímica que há nele. E a este aspecto é que eu quero opor alguns reparos”. Cf., respectivamente, REALE, Miguel. Notas à margem de *Casa-grande & senzala*. Ação. São Paulo, 16 de outubro de 1936; LEITE, Armando Más. *Casa-grande & senzala*. O Diário. Belo Horizonte, s/d; A Cidade. Recife, s/d; CARNEIRO, J. Fernando. Comentários à margem de um grande livro. Diário Carioca, s/d, e Revista Brasileira de Pedagogia. Rio de Janeiro, n. 35, junho de 1937. Todos *in* FONSECA, 1985:161-6, 167-9 e 181-9, respectivamente.

lembrava nunca terem faltado “livros de história que, só pela forma, pela expressão lingüística apurada, pela atração envolvente do estilo, pudessem figurar legitimamente ao lado de poemas e novelas” – e era impossível negar a Gilberto Freyre “os mais puros dons literários”, tal como a Tácito e Plutarco, Michelet e Renan, Nabuco e Euclides. O argumento definitivo, porém, vinha ao final, com a definição de *Casa-grande & senzala* como “um livro novo para os brasileiros”, que, por rasgar “tão amplos e novos horizontes à historiografia nacional”, não seria “somente o melhor livro de 1934. É o melhor livro de uma época” (CARNEIRO *in* FONSECA, 1985:155-9).

Em suma, a consagração de *Casa-grande & senzala* significava a consagração do *novo*, seu adjetivo-síntese. Sem dúvida, tudo no livro trazia este traço: os novos sujeitos históricos apresentados, o senhor, o escravo e o mundo à sua volta; a nova abordagem empreendida, centrada no âmbito privado das relações entre tais sujeitos, com a família como peça-chave; a nova explicação oferecida, diferenciando “raça” de “cultura” e daí enfatizando a positividade da miscigenação; as novas fontes empregadas, como livros do Santo Ofício, cartas dos jesuítas e outros documentos produzidos na esfera eclesiástica, inventários e testamentos, livros de viagem, livros e cadernos de modinhas, receitas e etiqueta, jornais, romances, memórias e biografias, depoimentos e até a iconografia; e, claro, a nova linguagem que expressava tudo isso, solta, fluente e vívida. Mas a novidade fundamental, aquilo que consistia sua maior inovação, era dada pelo conjunto, isto é, pela reunião de todas essas características em uma única obra, manejadas por um único autor. Tal como acontecera décadas antes com *Os sertões*, o livro de Freyre revelava uma força interpretativa surpreendente, a qual descortinava aos brasileiros, ainda que somente à minoria culta, aspectos da formação do Brasil até então pouco ou nada considerados.<sup>5</sup>

Ao mesmo tempo, a consagração do livro trouxe consigo a consagração do autor: em menos de um ano, Gilberto Freyre passava de “quase desconhecido” a intelectual dos mais importantes do país, senão o mais importante – aquele que indicava novos caminhos para o nosso passado, como que a concretizar a profecia a que se lançara José Lins do Rego naquele

---

<sup>5</sup> O interesse pelo conhecimento do Brasil despertado pelo livro de Euclides da Cunha foi pontualmente analisado por mim (FRANZINI, 2010:83-87), mas é Fernando NICOLAZZI (2011) quem leva adiante, com fôlego e perspicácia, não apenas a relação entre *Os sertões* e o conhecimento do país como, principalmente, sua relação com *Casa-grande & senzala*.

artigo de novembro de 1933 ao dizer, “sem medo de afirmar uma barbaridade”, que “o primeiro grande historiador brasileiro vai sair de Pernambuco” (REGO *in* FONSECA, 1985:42).

### Referências bibliográficas

ALMEIDA PRADO, Yan de. Casa grande & senzala. *Literatura*. Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1934. In: FONSECA, Edson Nery da (org.). *Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Casa-grande & senzala. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1933. In: FONSECA, Edson Nery da (org.). *Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

*BOLETIM de Ariel*. Ano III, n. 2, novembro de 1933, p. 53.

CARNEIRO, Saul Borges. Um livro premiado. *Boletim de Ariel*. Ano IV, n. 6, março de 1935, p. 149-50. In: FONSECA, Edson Nery da (org.). *Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

DANTAS, Pedro. Casa grande & senzala. *Literatura e Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1933. In: FONSECA, Edson Nery da (org.). *Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

FONSECA, Edson Nery da (org.). *Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GRIECO, Agripino. Casa-grande & senzala. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1934. In: FONSECA, Edson Nery da (org.). *Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história. A viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

REGO, José Lins do. O próximo livro de Gilberto Freyre. *Boletim de Ariel*. Ano III, n. 2, novembro de 1933, p. 35. In: FONSECA, Edson Nery da (org.). *Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.